

O processo de empresarização das emoções na Educação e as novas configurações do trabalho docente

The enterprisation process of emotions in education and the new configurations of teaching work

- ◆ Débora da Silva Olivo
- ◆ Larissa Ferreira Tavares
- ◆ Marcio Silva Rodrigues

RESUMO

O presente estudo constitui uma aproximação inicial e inédita entre a Teoria da Empresarização e a Sociologia das Emoções e possui um duplo objetivo: construir a categoria empresarização das emoções e discuti-la a partir do contexto educacional. De forma geral, materializando-se por meio de recursos como o controle e a burocracia, além dos fundamentos que caracterizam a ideia de empresa, como a competição e a produção de necessidades, e definindo subjetividades por meio de linguagem própria, o processo de empresarização consolida a ideia de empresa no plano material, subjetivo e das sensibilidades. A empresarização das emoções representa, assim, a complexidade com que tal processo reconfigura as práticas de trabalho e o indivíduo, definindo-o como a expressão de um capital humano. No campo da educação, isso implica em novas formas de trabalho docente, materializadas no sujeito professor por meio da centralidade de suas emoções.

Palavras-chave

Empresarização. Emoções. Educação

ABSTRACT

The present study constitutes an initial and unprecedented approximation between the Enterprisation Theory and the Sociology of Emotions and has a double objective: to construct the category of enterprisation of emotions and discuss it from the educational context. In general, materializing through resources such as control and bureaucracy, in addition to the fundamentals that characterize the idea of enterprise, such as competition and the production of needs, and defining subjectivities through language, the enterprisation process consolidate the idea of enterprise in the material, subjective and sensibilities planes. The enterprisation of emotions thus represents the complexity with which such a process reconfigures work practices and the individual, defining him as the expression of human capital. In the Education field, this implies new forms of teaching work, materialized in the teacher subject through the centrality of his emotions.

Keywords

Enterpristarion. Emotions. Education.

Introdução

As práticas cotidianas de trabalho docente têm sido caracterizadas pelo forte avanço da ideia de empresa também na área da Educação. Mais do que vínculos estabelecidos por parcerias entre empresas privadas e a escola pública, o que inicialmente apontava para uma preocupação em torno da possibilidade de privatização da Educação, práticas empresariais têm sido inseridas no contexto escolar e estão sendo consolidadas por meio de diferentes estratégias materiais e subjetivas que consideram a empresa uma referência para as relações, estabelecendo, com isso, diretrizes, técnicas e sensibilidades que reconfiguram esse trabalho.

Na concepção de Andreu Solé (2008), a empresa é uma condição, está presente no cotidiano e é articulada por diferentes meios que definem o mundo moderno. Além disso, com as dinâmicas da globalização, assumiu a centralidade e a totalidade das relações sociais, uma vez que estas relações são produzidas em torno da ideia de empresa (SOLÉ, 2008).

Ao analisarem as formas como as organizações modernas reconhecem a empresa como um modelo às práticas sociais, Rodrigues e Carvalho (2006) observam que:

De acordo com Solé, buscando a perpetuação dessas organizações e na falta de um outro modelo organizacional, a empresa, apoiada em pressupostos de eficácia, qualidade, resultados e perpetuação, tem se firmado como o modelo de todas as atividades humanas. Nesse sentido, não é raro encontrar organizações que, orientadas pelo modelo empresarial, passam a adotar características que anteriormente eram exclusivas das empresas. Por exemplo, hoje em dia, as organizações usam a linguagem, os métodos, as ferramentas das empresas, além disso, estão sujeitas à concorrência e buscam o benefício econômico (SOLÉ, 2004, apud RODRIGUES; CARVALHO, 2006, p. 40).

São exemplos dessas características no contexto escolar e no trabalho docente, mecanismos empresariais como a instalação de ponto-eletrônico, a contratação de empresas terceirizadas para a prestação de serviços gerais e de serviços pedagógicos, como a produção de currículos e de livros didáticos e a formação de professores, além da manutenção de ações voltadas a indicadores de qualidade da Educação e de exames avaliativos – para os alunos – que possam, implicitamente, atribuir ao trabalho docente e ao sujeito professor a total responsabilização pelo sucesso ou pelo fracasso dos resultados obtidos nesses exames. Tragtenberg (2004) avalia essas práticas associando-as a formas de controle estabelecidas por procedimentos burocráticos nos quais os meios tornam-se os fins no processo organizacional hierárquico.

A partir dessa realidade, é possível observar um fenômeno social no qual a ideia de empresa, acentuada pelo neoliberalismo, se consolida não somente nas organizações modernas, mas,

sobretudo, no indivíduo, caracterizando-o como capital humano. O processo de empresarização corresponde, desse modo, a um conjunto de mecanismos que ampliam a lógica da empresa para esferas além do campo do trabalho, produzindo formas de pensar e agir (RODRIGUES, 2013) e atuando, inclusive, nas sensibilidades dos sujeitos.

Esse é o ponto de partida deste estudo. Considerando as sensibilidades como um dos mecanismos que, afinado a estratégias materiais, consolida o processo de empresarização nas organizações sociais, é possível perceber que as emoções dos indivíduos e suas sensibilidades correspondem a uma dimensão potencializada por tal processo, configurando a produção de um capital humano.

Com base no exposto, o presente texto constitui uma aproximação inicial e inédita¹ entre a Teoria da Empresarização e a Sociologia das Emoções e possui um duplo objetivo: primeiramente, busca construir a categoria empresarização das emoções, como síntese da referida aproximação, e, logo após, discuti-la a partir do contexto educacional, a fim de perceber as implicações desse fenômeno para a produção de novas configurações do trabalho docente.

O neoliberalismo e o processo de empresarização do indivíduo

O modo de produção capitalista elabora aportes que garantam a sua reprodução, e ainda que possa correr o risco de desaparecer, acaba fortalecendo a sua lógica. Dardot e Laval (2016), ao observarem o percurso histórico que caracterizou a expansão do capitalismo, entendem que oscilações econômicas que ameaçaram terminar com esse modo de produção tornaram-no mais forte, tendo sua ordem econômica ampliada a todas as dimensões do ser humano (DARDOT; LAVAL, 2016).

Analisando o Colóquio Walter Lippmann – movimento fundamental para a articulação entre os novos liberais e para a formulação de suas novas teorias econômicas e sociais – Dardot e Laval (2016) salientam que surge ali a necessidade de reinvenção do capitalismo, afetado negativamente por contextos de guerra. Para os pensadores integrantes desse Colóquio, no processo de transformação da lógica capitalista, novas bases deveriam ser construídas para a manutenção desse sistema, uma vez que, até então, seus princípios priorizavam somente o campo do trabalho e a não intervenção do Estado sobre as relações econômicas determinadas. Ampliar esse campo para outras

¹ Embora a discussão sobre empresarização ou empresariamento da educação não seja nova, seja na área da educação (Neves, 2003) ou na área dos estudos organizacionais (Rodrigues e Silva, 2019b; Franz, Leite e Rodrigues, 2020; e Duquia, Franz, Barcelos e Rodrigues, 2022), a associação dessas questões com a dimensão das emoções é. Tal dimensão será explorada a partir de um conjunto de saberes que constituem a chamada sociologia das emoções.

esferas do indivíduo corresponderia à possibilidade de renascimento do capitalismo (DARDOT; LAVAL, 2016).

Sendo assim, era preciso identificar os mecanismos que consolidariam o neoliberalismo como um novo modelo de sociedade, e levar em conta os elementos que promovessem as condições necessárias para o desenvolvimento dessa estrutura. O indivíduo passa a ser considerado, então, sob uma perspectiva de capital humano, já que passa a ter a lógica econômica generalizada para todas as dimensões que o constituem.

A doutrina neoliberal corresponde, dessa forma, a uma mudança antropológica na sociedade, e constitui-se como uma ordem social cuja razão econômica se estende para a totalidade da vida humana. Nas palavras de Dardot e Laval (2016):

O neoliberalismo é um sistema de normas que hoje estão profundamente inscritas nas práticas governamentais, nas políticas institucionais, nos estilos gerenciais. [...] excede em muito a esfera mercantil e financeira em que reina o capital. Ele estende a lógica do mercado muito além das fronteiras estritas do mercado, em especial produzindo uma subjetividade "contábil" pela criação de concorrência sistemática entre os indivíduos (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 30).

Na análise de Foucault (2008), isso significa que o aspecto econômico, mais do que estar atrelado à esfera do trabalho, passa a realizar-se em campos que outrora não estariam associados ao capital. Ao reconhecer os mecanismos neoliberais utilizados para uma ressignificação dessa esfera, e considerando as particularidades do contexto americano, o autor observa que o sujeito não mais se adapta ao trabalho para gerar renda, mas amplia o exercício desse trabalho em sua carga horária diária. Com isso, o trabalho e a lógica econômica que o subjaz começam a pertencer a todos os aspectos do indivíduo. Para o autor, com o neoliberalismo, “as diferenças qualitativas de trabalho podem ter um efeito de tipo econômico” (FOUCAULT, 2008/ aula de 1979, p. 307).

De Gaulejac (2007), ao discorrer sobre os elementos sociais que formam e direcionam os indivíduos, aponta para uma construção educacional que, no decorrer da vida, vai moldando os sujeitos segundo fundamentos empresariais, como a concorrência, a competição, a oportunidade de obter lucro, além da ideia central que caracteriza a empresa: a produção de necessidades (DE GAULEJAC, 2007). Nesse processo, questões de diversas ordens, como culturais, artísticas, educacionais e comportamentais compõem um quadro no qual a ideia de empresa conduz as relações.

Na análise de Rodrigues (2013), os métodos que caracterizam o processo de empresarização e que consolidam a ideia de empresa nas organizações e nos sujeitos, estão além do campo material. O autor identifica na dimensão das subjetividades um recurso fundamental para o fortalecimento e a naturalização desse processo. Nessa esfera, a linguagem empresarial elabora discursos que tornam a

ideia de empresa central para os modos de vida, visto que a empresa “produz a maneira de viver de nossa sociedade” (RODRIGUES, 2013).

Tendo em vista que o discurso determinado pela empresa torna-se crucial para a validação do processo de empresarização e corresponde a uma forma de produção de relações sociais de poder, Rodrigues (2013) argumenta que essa subjetividade compõe um mecanismo para a perpetuação dessas relações. Como destaca o autor:

Em síntese, tal discurso, compreendido como aquilo que norteia alguns saberes e as práticas dominantes da sociedade moderna, é o resultado da associação de diversos eventos discursivos que consolidaram e naturalizaram cada uma das maneiras de agir e de pensar que fundamentam (e são fundamentadas pela) a empresa (RODRIGUES, 2013, p. 38 e p. 39).

Nessa perspectiva, observa-se que, por meio do discurso, crenças e verdades são mobilizadas a fim de responderem às demandas da lógica da empresa. Duquia et al (2022), ao identificarem o processo de elaboração de políticas públicas, associam a ideia de poder à verdade que se estabelece. Nesse âmbito, nota-se que quem exerce o domínio, o poder, sobre um certo campo, torna-se legitimado para construir a noção de verdade que lhe interessa. Sendo assim, o valor de uma crença, cotidianamente construída, determinará o modo como a organização deverá ser constituída e fornecerá bases para a elaboração das políticas públicas (DUQUIA; FRANZ; BARCELOS; RODRIGUES, 2022).

A noção de felicidade, por exemplo, amplamente produzida segundo a lógica da empresa, vincula-se a um discurso e a uma crença que atribuem ao indivíduo a realização dessa dimensão. De Gaulejac (2007) discute a ideia de felicidade, no mundo globalizado, e os mecanismos que produzem a sua sensação, a fim de demonstrar as formas como na sociedade contemporânea tal estado é produzido pela lógica da empresa. Para o autor, uma vez que essa empresa significa um modelo de satisfação do indivíduo, a construção acerca da relevância dessa ideia ocorre desde o processo inicial de formação desse indivíduo (DE GAULEJAC, 2007). Isso significa que nas diferentes fases da vida o sujeito deve ser preparado para desenvolver competências que o coloquem sempre em um estado de competição, controle e vigilância em relação ao outro, em uma busca incessante pela produção e acumulação de capital, o que resultará, nessa estrutura social, em sua felicidade.

É possível perceber, com isso, que o processo de empresarização, ao ser intensificado pelo neoliberalismo, adentra diferentes esferas das relações sociais e da formação do indivíduo, implicando na produção do capital humano. Com essa razão econômica, tal processo passa a caracterizar-se também como um fenômeno de âmbito individual, uma vez que cada sujeito será

compreendido sob a racionalidade de uma empresa. Nesse contexto, emergem novas definições de indivíduo, as quais o entrelaçam à ideia de empresa, tornando esse um sujeito empresário de si, um indivíduo-empresa, um gestor de si mesmo, segundo pressupostos definidos pela lógica do capital que a empresa determina.

Tavares (2021), ao analisar o processo de formação desse sujeito empresário de si, reconhece o discurso motivacional ministrado por *coaches*² como um aspecto relevante que, ao assemelhar-se a uma narrativa religiosa e usar os paradigmas desta, promove a lógica econômica por meio das subjetividades do indivíduo. Nesse sentido, a ideia de um sujeito empresário de si torna-se um imperativo dentro de um contexto que cada vez mais estimula a produção individual em detrimento do caráter coletivo da sociedade (TAVARES, 2021).

O processo de empresarização, como se constata, representa um fenômeno cuja ordem atua nas múltiplas experiências sociais, redefinindo, com o avanço do neoliberalismo, o indivíduo para a incorporação da lógica da empresa em suas práticas, vivências e subjetividades. Nesse cenário, a dimensão das sensibilidades adquire um significado fundamental para materializar o campo econômico no indivíduo.

As emoções, como sugere Sartre (2010), correspondem à consciência da relação do ser psíquico com o mundo e caracterizam no indivíduo estados de adaptação a novas situações, em maior ou em menor grau (SARTRE, 2010). Sendo assim, por meio da dimensão das emoções e associado ao conjunto de mecanismos que o fortalecem, o processo de empresarização produz, inclusive, sensibilidades, e torna a ideia de capital humano uma realidade material.

O processo de empresarização das emoções

O estudo sobre a dimensão das emoções enquanto um objeto de investigação na área da Sociologia é recente. As discussões que abordaram esse tema estiveram, ao longo de sua análise, associadas às áreas da Filosofia, da Psicologia, estando essa dimensão manifestada em expressões artísticas, literárias, musicais, dentre outras formas culturais que se apresentam até hoje. Com o movimento decolonial, que inaugurou nos anos setenta um pensamento crítico acerca dos dualismos que buscavam explicar a sociedade, a compreensão de que as relações sociais poderiam ser explicadas sob múltiplas perspectivas de análises ofereceu à Sociologia abordagens até então desconsideradas pelos estudos clássicos dessa área. Raça, gênero, etnia, religião, além de outros

² O termo designa profissionais que, dentre outras técnicas, utilizam-se do discurso da psicologia positiva a fim de despertar em sua audiência noções de “empoderamento, prosperidade, mudança de *mindset* (traduzido por programação mental/crenças) e abundância” (TAVARES, 2021).

temas, tornaram-se perspectivas com as quais os estudos sociológicos, a partir de então, ampliaram suas vertentes para a explicação dos fenômenos sociais.

Nesse cenário, a dimensão das emoções passou a constituir uma abordagem relevante para a Sociologia, oferecendo um ponto de vista com o qual tem sido possível elaborar interpretações para os acontecimentos sociais.

Partindo de uma compreensão filosófica, é possível entender que as emoções constituem um sistema de condutas no qual as reações emocionais dão significado a estados de adaptação do indivíduo, uma vez que elas comportam tensões entre o mundo interior desse indivíduo e o mundo exterior que ele interpreta, revelando estados que buscam “mascarar, substituir, rechaçar uma conduta que não se pode ou não se quer assumir” (SARTRE, 2010, p. 40). Conforme salienta Sartre (2010):

[...] mesmo se a emoção, objetivamente percebida, apresentar-se como uma desordem fisiológica, enquanto fato de consciência ela não é de modo nenhum desordem nem puro caos, ela tem um sentido, significa alguma coisa. E com isso não queremos dizer apenas que ela se dá como uma qualidade pura, mas que se apresenta como uma certa relação de nosso ser psíquico com o mundo; e essa relação - ou melhor, a consciência que temos dela - não é uma ligação caótica entre o eu e o universo; é uma estrutura organizada e descritível (SARTRE, 2010, p. 32, 33).

No âmbito da Sociologia, a perspectiva de compreensão sobre a dimensão das emoções também é relacional. Para Hochschild (1979), uma das autoras pioneiras nos estudos sociológicos sobre as emoções, esta dimensão corresponde ao que o sujeito pensa e faz com o que sente, e no contexto social, a ação é orientada por regras, conflitos, sendo a interação dos indivíduos o que afeta, produz e reproduz as emoções (HOCHSCHILD, 1979). A autora discute a gestão das emoções como um trabalho mediado pelas regras sociais no qual cabe ao indivíduo desenvolver habilidades para administrar seus sentimentos ao que ela chama como trabalho emocional (HOCHSCHILD, 1983). Citando em uma parte de sua análise os estudos de Goffman (1961, apud HOCHSCHILD, 1979), Hochschild salienta que quanto mais burocrático for o trabalho realizado nas organizações, maior será a necessidade de se desenvolver a gestão das emoções, que, segundo a autora, não são fatos, mas estados de sentimentos, que possuem duração, extensão e direção, que levam, no fim das contas, ao controle social (HOCHSCHILD, 1979, p. 564).

Theodore Kemper (2006, in STETS; TURNER, 2006, p. 90), que também inaugurou esses estudos, analisa a esfera das emoções a partir de comportamentos sociais em que os indivíduos orientam suas práticas sob as dimensões de poder e *status*. Para o autor, é dessa interação, que pode apresentar excesso ou déficit destas dimensões, que resultam as emoções (KEMPER, 2006, p. 87).

Dialogando com as teorias das emoções e construindo novas análises, Bericat (2016), entende

estas emoções como um fenômeno social que permite explicar outros, pois elas são parte constituinte de todos os acontecimentos sociais e estão no contexto da vida social. Na análise do autor, as emoções constituem dispositivos para comportamentos adaptativos, e possuem elementos fisiológicos, neurológicos e cognitivos. Além disso, são relacionais, mas possuem um caráter individual e correspondem a um sistema motivacional que tem um valor positivo ou negativo. As emoções são induzidas por eventos interpessoais e são estados subjetivos que fazem o sujeito se sentir bem ou mal, e o que este sente, segundo o autor, depende do conteúdo e do resultado da interação (BERICAT, 2016). Para o autor, “as emoções constituem a manifestação corporal da importância que um evento no mundo natural ou social tem para o sujeito”³ (BERICAT, 2016, p. 493).

Scribano (2012) também apresenta e tem desenvolvido um estudo profícuo no campo da Sociologia das Emoções. Associando as emoções aos corpos, o autor salienta que “el/los cuerpo(s) – al igual que la emoción- al ser considerado el resultado de la articulación de diversos/plurales espacios/procesos involucra en su concreciones contingentes e indeterminadas multiples determinaciones de lo concreto”⁴ (SCRIBANO, 2012, p. 92). O autor argumenta que as emoções e os corpos são elementos centrais para a compreensão das relações sociais e percebe na administração das sensibilidades o reflexo e a produção de um contexto de expropriação, dominação e resistência, em um mundo de globalização e de produção de capital, que desenvolve processos de sensibilidades e produz essa dimensão.

Para Scribano e Koury (2012):

O corpo e as emoções deste modo são lugares de adestramento civilizatório e os indivíduos sociais nele erigidos são produtos políticos do jogo configuracional que medra uma dada forma de sociabilidade. Os corpos e as emoções são marcados pelas lógicas políticas, culturais e sociais que os produzem e os consomem enquanto objetos e ao mesmo tempo sujeitos da sociabilidade (SCRIBANO; KOURY, 2012).

Lisdero e Quattrini (2020), analisando campos empíricos em que as emoções são moldadas segundo a lógica do capital, discutem processos de sociabilidade a partir do campo do trabalho. Ao considerarem a dimensão dos corpos e das emoções como condições para a expansão do capitalismo ocidental, os autores salientam que as relações estabelecidas nesse espaço requerem também sensibilidades expressadas pelo corpo a fim de gerarem saldos de âmbito emocional. Na análise dos autores, e citando as contribuições dos estudos de Eduardo Bericat Alastuey (2000) sobre o tema das emoções na Sociologia, o trabalho de administrar essas emoções segundo

³ Versão original: emotions constitute the bodily manifestation of the importance that an event in the natural or social world has for a subject.

⁴ Versão original: O corpo(s) – como a emoção – sendo considerado o resultado da articulação de espaços/processos diversos/plurais envolve em suas concreções contingentes e indeterminadas múltiplas determinações do concreto.

estratégias de mercado causa um desgaste moral, promovido por estados emocionais fictícios e pela extração da personalidade do indivíduo, que incorpora modos de dominação social e que entra em conflito consigo próprio, em um processo de autoestranhamento (LISDERO; QUATTRINI, 2020). Desse modo, a contradição do indivíduo à estrutura que o condiciona volta-se a ele próprio.

O processo de empresarização, dessa forma, apropria-se das sensibilidades e sob uma perspectiva de indivíduo-empresa, empresário de si, tem nas emoções um forte mecanismo para a sua consolidação nesse indivíduo, reconfigurando não somente práticas sociais, mas expressando a lógica máxima que caracteriza o capital.

Sendo ampliado para todas as formas e áreas, o processo de empresarização, o qual se materializa no indivíduo por meio das emoções, generaliza a ordem do capital em um movimento que se direciona das organizações para esse indivíduo.

Illouz (2011; 2019) apresenta um relevante estudo acerca da sociologia dos afetos e oferece uma indispensável contribuição para esta reflexão, especialmente com sua obra “Amor nos Tempos do Capitalismo” (2011). A autora discute o tema dos afetos relacionando-os às formas e aos contextos que processaram o deslocamento das narrativas organizacionais, centradas na lógica de empresa, para o âmbito do indivíduo, destacando a influência da narrativa psicológica para a compreensão desse indivíduo sobre si mesmo.

Para Illouz, a inserção do método da psicologia nas organizações promoveu grandes mudanças sociais, pois desenvolveu uma nova cultura em torno da compreensão do eu e democratizou a ideia de participação individual nas questões administrativas, configurando na empresa um perfil que a autora chama de *homo sentimentalis*, já que os sentimentos e as percepções de funcionários passaram a ser considerados nas relações presentes no campo do trabalho, em nome do benefício econômico (ILLOUZ, 2011).

Na óptica da autora, os afetos são "aspectos profundamente internalizados e não reflexivos da ação", e por meio deles "pomos em prática as definições culturais da individualidade" (ILLOUZ, 2011). Os afetos produzem também hierarquias sociais nas quais sentimentos organizam arranjos morais e sociais baseados nos papéis desempenhados pelas diferentes identidades, relacionadas, dentre outras categorias, à classe social, ao gênero, à profissão. Na concepção da autora, o afeto é uma "entidade psicológica", que permite "revelar uma outra ordem na organização social do capitalismo" (ILLOUZ, 2011). Nesse processo, o eu privado, o eu dos afetos, é colocado em sintonia com narrativas e valores produzidos pela ordem política e econômica da sociedade, presentes nas organizações e consolidadas nas instituições sociais. Para Illouz (2011):

O capitalismo afetivo é uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um

movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca (ILLOUZ, 2011).

O direcionamento da ideia de empresa das organizações para o indivíduo, por meio da dimensão afetiva, emocional, psicológica representa a complexidade de um processo que cotidianamente cria meios para a sua manutenção, sejam eles materiais, subjetivos ou referentes às sensibilidades que cada indivíduo comporta.

No âmbito da Educação, e considerando o trabalho docente de um contexto escolar, o processo de empresarização das emoções é caracterizado por práticas em que a expropriação e a apropriação das energias corporais e das sensibilidades orientam e determinam as relações, delineando novas configurações desse trabalho.

O processo de empresarização das emoções no trabalho docente: reflexões iniciais

O campo da Educação tem sido considerado bastante frutífero para a reprodução de uma estrutura social que tem na ideia de empresa o ponto central para as relações humanas. Na realidade, a Educação institucionalizada sempre teve esse papel de reprodução da ordem social. A diferença parece estar, entretanto, no fato de que tal ideia não se fazia tão presente nas práticas escolares quanto tem estado atualmente, sendo justificada por fatores econômicos, políticos e culturais que potencializaram a área da Educação para a produção máxima de capital.

No decurso de pouco tempo, tem sido possível perceber que mais do que estar presente no currículo escolar padronizado ou no conteúdo dos livros didáticos – que incentiva o desenvolvimento da autonomia e das competências múltiplas do indivíduo, o empreendedorismo, a gestão emocional, considerando, todavia, a lógica do capital, e com o qual os efeitos sociais apresentavam-se mais lentamente – a ideia de empresa está sendo consolidada e materializada tanto na organização escolar quanto nos sujeitos que atuam nesse contexto, reconfigurando especialmente o trabalho docente.

Procedimentos de caráter empresarial, como o excesso de aspectos burocráticos, de práticas de controle dos corpos e da criatividade, a quebra de vínculos afetivos e a produção de sensações que colocam o indivíduo professor, por meio de suas emoções, sob um estado de vigilância e autogestão das condições que são sociais do seu trabalho, têm, dentre outros mecanismos, caracterizado a organização escolar como uma empresa cuja produção de capital associa-se à produção de necessidades as quais, muitas vezes, nem existiram.

Tragtenberg (2004) reflete sobre o uso da burocracia nas organizações modernas e percebe esse procedimento como um mecanismo de poder que preserva a hierarquização da estrutura social. Na análise do autor, tal método, que deveria servir como um meio para construir a sistemática de organização da instituição, utiliza-se deste conceito de organização para tornar-se um fim em si mesmo (TRAGTENBERG, 2004). Em outros termos, atender aos procedimentos burocráticos sob a ideia de organização torna-se o objetivo principal da instituição. Nas palavras do autor:

Um dos elementos em que a burocracia fundamenta sua legitimação consiste em se atribuir a tarefa de “organizar” tudo. Sob o nazismo, a palavra de ordem do regime era: organização. Existe aí uma confusão interessada. Qualquer grupo humano, tendo em vista as finalidades que persegue, organiza-se para tanto. Mas a burocracia é outra coisa: ela está montada como estrutura de controle, dispondo de imunidades e privilégios (TRAGTENBERG, 2004, p. 210).

Os aspectos burocráticos na organização escolar têm-se manifestado sob formas diversas, caracterizando a expansão do processo de empresarização nesse contexto. Exemplo dessa prática pode ser associado ao uso de plataformas digitais, criadas por empresas privadas, e cujo objetivo é informatizar estratégias de controle tanto do corpo discente quanto do sujeito docente. As dinâmicas de trabalho que envolvem o atendimento a essas plataformas têm, também, redefinido a Educação, uma vez que as implicações desse processo recaem negativamente sobre os aspectos formativos do corpo discente. Quer dizer, o tempo de trabalho que anteriormente era dedicado a pensar e criar projetos coletivos para e com os estudantes e a comunidade escolar acaba, de uma forma ou de outra, sendo substituído por tarefas condizentes à lógica da empresa.

A instalação de ponto-eletrônico na escola, cujo objetivo parece transcender a questão econômica, e que está associada a um elemento próprio da organização fabril, produz uma sensação de vigilância do trabalho e também caracteriza o alcance da ideia de empresa às subjetividades docentes. Foucault (1987), ao analisar as instituições e observar formas de construção de controle dos corpos dos indivíduos, percebe o aspecto simbólico instaurado para o exercício desse controle. O Panóptico, sistema pensado para controlar os corpos, inicialmente na prisão, representa um modelo de controle dos impulsos e corresponde a um exemplo de uma estrutura social que vigia seus agentes a fim de obter a adesão desses aos objetivos e interesses em voga. Além disso, considera o condicionamento das ações e do pensamento desses agentes por meio da sensação de vigilância que tal mecanismo provoca (FOUCAULT, 1987).

Nesse sentido, a vigilância não ocorre exclusivamente de um sujeito em relação ao outro, com o uso de registros e outras formas de inspeção, como plataformas virtuais ou sistemas de controle digitais. O controle de si e o medo da repressão por desobedecer a ordens determinadas

direcionam, desse modo, o indivíduo para práticas disciplinares nas organizações sociais. A metáfora da prisão, elaborada por Foucault (1987), na qual os sujeitos têm a sensação de estarem sendo vigiados em suas ações, ainda que não estejam sendo externamente controlados, contribui para a compreensão dos mecanismos que constituem e consolidam a ideia de empresa no campo das subjetividades do indivíduo.

Outro exemplo que reconfigura o trabalho docente está associado aos termos empresariais que são incluídos no vocabulário escolar e que são tomados de modo natural. Laval (2019) identifica alguns desses termos e suas substituições, como, por exemplo, conhecimento, que passa a ser designado por competência; emancipação política, que passa a ser substituído por eficiência produtiva; desenvolvimento pessoal, trocado por inserção profissional; conteúdos apropriados, convertido para exigências do universo econômico (LAVALL, 2019, p. 23 e p. 24). Também, palestra ou aula, é substituído por treinamento; secretaria de educação, por instituição mantenedora; experiência bem-sucedida, por “case” de sucesso, o que, no movimento neoliberal, direciona a escola para uma organização empresarial.

O discurso do empreendedorismo é assumido, assim, como uma norma vigente na sociedade. Franz, Leite e Rodrigues (2020) discutem as formas como a inserção da ideia de empresa no espaço educacional torna as relações competitivas e fundamentadas em critérios mercadológicos, já que a participação de empresas privadas na Educação pública acaba influenciando as relações entre docentes, segundo a lógica da empresa, bem como altera as práticas educacionais (FRANZ; LEITE; RODRIGUES, 2020).

Afora outras estratégias que revelam o avanço da ideia de empresa na Educação e na organização escolar, a dimensão emocional também está em jogo. No caso do sujeito professor, o aspecto afetivo, emocional, psicológico é abordado como um tema central na medida em que as narrativas que consolidam a ideia de empresa no indivíduo passam a reverter toda a compreensão do contexto social de trabalho para a uma condição desse sujeito. Nesse processo, palestras motivacionais ministradas às/aos professoras/es criam uma realidade que eleva esse indivíduo como centro desse processo por meio de suas emoções. A narrativa psicológica positiva constitui um exemplo dessa construção, visto que, embora busque ser um mecanismo de resistência à realidade de expropriação de energias e de subjetividades, acaba promovendo dispositivos, conscientes e inconscientes, para a conformação do sujeito à realidade apresentada, colocando-o em conflito consigo próprio.

O cunho psicológico norteador dessas palestras manifesta-se, dentre outros temas, com narrativas sobre autorrealização, habilidades socioemocionais, coragem e sorte, reinvenção como pessoas e profissionais, superação de dores emocionais e aprendizagem em família, educação

empreendedora, nas quais a ideia de que cabe ao indivíduo gerir, além das suas práticas, suas emoções, associadas à lógica de produção de capital, é construída.

Nesse cenário de empresarização das emoções, há o que Scribano (2009) percebe como formas de renovação do capitalismo. Na análise do autor, tal processo expropria não somente energias corporais, mas expropria, também, sensibilidades, modificando a estrutura e a gênese das emoções, em um movimento que busca apropriar-se dessa dimensão e modular esse aspecto, alinhado a estratégias de dominação que rouba a presença subjetiva dos indivíduos (SCRIBANO, 2009).

As emoções significam, inclusive na área da Educação e, especialmente, no trabalho docente, um mecanismo de sustentação ao processo de empresarização, que se direciona da organização para o indivíduo e que torna particulares as condições que são de ordem social, bem como o seu inverso. Em outras palavras, quanto mais centrada no indivíduo for a compreensão desse processo, mais as condições de expropriação de energias e sensibilidades podem ser produzidas, conforme a lógica da empresa.

O processo de empresarização das emoções revela, assim, um fenômeno expressivo de produção de capital, abastecido por múltiplos mecanismos sociais que dão à empresa uma forma humana.

Considerações Finais

A intensificação da ideia de empresa nas organizações tem reconfigurado as práticas de trabalho e as relações sociais que nelas se estabelecem. No caso da organização escolar, tem sido possível observar e vivenciar o fenômeno da empresarização na medida que a Educação, situada em um contexto de ordem neoliberal, o qual visa à produção do capital humano, reproduz a lógica da empresa e expande seus pressupostos a todos os sujeitos envolvidos nesse processo.

Materializando-se por meio de recursos como a vigilância, o controle e a burocracia, além dos fundamentos que caracterizam a ideia de empresa, como a concorrência, a competição e a produção de necessidades, e definindo subjetividades por meio de linguagem própria, o processo de empresarização atua em diferentes âmbitos, que passam a consolidar essa ideia no plano material, subjetivo e das sensibilidades.

A empresarização das emoções representa, assim, a complexidade com que esse processo de produção de capital reconfigura as práticas de trabalho e o indivíduo, definindo-o como a expressão de um capital humano.

Considerando essa reflexão, o presente estudo esforçou-se em propor uma interpretação do fenômeno que vem sendo consolidado também no campo da Educação, implicando em novas formas de trabalho, especialmente no trabalho docente, e que vem sendo materializado no sujeito professor por meio da centralidade de suas emoções. Além disso, pretendeu estabelecer uma associação entre a Teoria da Empresarização e a Sociologia das Emoções, a fim de oferecer uma possibilidade de análise e de compreensão do fenômeno social vigente.

Referências

BERICAT, Eduardo. The sociology of emotions: four decades of progress. **Current Sociology**, n. 64, v. 3, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução: Mariana Echalar. 1. ed. Paris, France: Boitempo, 2009.

DE GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. São Paulo: Idéias e Letras, 2007.

DUQUIA, Andressa; FRANZ, Alice; BARCELOS, Márcio; RODRIGUES, Marcio. Políticas Públicas e Estudos Organizacionais: uma articulação teórica para a análise das formas de organização de programas de pós-graduação na Universidade Federal de Pelotas (Brasil). **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**. v. 30, n. 142, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANZ, Alice; LEITE, Elaine; RODRIGUES, Marcio. O processo de empresarização e o discurso da universidade empreendedora: uma análise da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 28, n. 177, 2020.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure. **American Journal of Sociology**, v. 85, n. 3, 1979.

HOCHSCHILD Arlie. **The Managed Heart: the commercialization of human feeling**. Berkeley: University of California Press, 1983.

ILLOUZ, Eva. **O Amor nos Tempos do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KOURY, Mauro G. P.; SCRIBANO, Adrián. Sociologia e Antropologia dos Corpos e das Emoções. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, 2012.

KEMPER, Theodore. D. (2006). Power and Status and the Power-Status Theory of Emotions. In: Stets, J.E., Turner, J.H. (eds) **Handbook of the Sociology of Emotions. Handbooks of Sociology and Social Research**. Springer: Boston, MA. https://doi.org/10.1007/978-0-387-30715-2_5.

- LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público.** São Paulo: Boitempo, 2019.
- LISDERO, Pedro.; QUATTRINI, Diego. Trabajo y Sensibilidades: un análisis de la gestión de los cuerpos y las emociones en algunos espacios de trabajo. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 13, 2020.
- NEVES, Maria Lúcia W. (org.). **O empresariamento da educação: novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990.** Rio de Janeiro: Xamã, 2001.
- RODRIGUES, Marcio S. **O novo ministério da verdade: o discurso de VEJA sobre o campo do Ensino Superior e a consolidação da empresa no Brasil.** Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- RODRIGUES, M. S.; SILVA, R. C. da. **Empresarização no Figueirense Futebol Club e no Sport Club Internacional. Gestão. Org**, Recife, v. 4, n. 3, p. 38-54, 2006.
- RODRIGUES, Marcio; CARVALHO, Rosimeri. Empresarização e modernidade: a ideia de empresa no centro do mundo. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 6, n. 1, 2019.
- RODRIGUES, Marcio S.; SILVA, Rosimeri C. da. Nova república, novas práticas: uma análise do processo de empresarização do ensino superior no Brasil (1990-2010). **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade (Farol)**, v. 6, n. 15, 2019b.
- SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma Teoria das Emoções.** Porto Alegre: L&PM, 2010.
- SCRIBANO, Adrian. A modo de epílogo. ¿Por qué una mirada sociológica de los cuerpos y las emociones? **Cuerpos, subjetividades y conflictos: hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica.** 1a ed.- Buenos Aires: Fundación Centro de Integración, Comunicación, Cultura y Sociedad - CICCUS, 2009.
- SCRIBANO, Adrian. Sociología de los cuerpos/emociones. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, v. 10. ano 4.2012.
- SOLÉ, Andreu. **A Empresarização do Mundo.** (Traduzido). Paris: Le Cherche Midi, 2008.
- TAVARES, Larissa. **Em busca da melhor versão contra si mesmo: sobre o coaching, a verdade e o governo pela liberdade no neoliberalismo.** Tese (Doutorado em Administração) – Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre educação, política e sindicalismo.** São Paulo: UNESP, 2004.

Débora da Silva Olivo

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas
(PPGS/UFPel)
E-mail: deboraoливо83@gmail.com

Larissa Ferreira Tavares

Professora Adjunta do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da
Universidade Federal do Rio Grande
Doutora em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: larissaftavares@gmail.com

Marcio Silva Rodrigues

Professor Associado do Centro de Ciências Socio-Organizacionais da Universidade Federal de
Pelotas (CCSO/UFPel)
Doutor em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: marciosilvarodrigues@gmail.com